

Os processos existenciais em reportagens de capa da revista *Superinteressante*

Lauro Rafael Lima*

Resumo: Este trabalho refere-se ao sistema de transitividade da metafunção ideacional da gramática sistêmico funcional, descrito por Halliday & Mathiessen (2004). Assim, realizou-se um levantamento acerca dos processos existenciais, pelo fato de serem os que apresentam um menor número de exemplos dedicados à sua explicação. Objetiva-se propor novas categorias de classificação para os processos existenciais, inserindo verbos que não são tomados como representando processos existenciais na obra de Halliday & Mathiessen (2004). Com isso, o trabalho explica a sugestão de novos verbos servindo como processos existenciais, baseado nos conceitos propostos pelos próprios autores. As pesquisas foram feitas em reportagens de capa da revista *Superinteressante*, gênero que demonstrou uma frequência relativamente grande se considerarmos o uso desses processos em outros gêneros. Os resultados foram satisfatórios e apontam para a ocorrência de novos verbos (ou seja, que não estão descritos ainda como tal) servindo como processos para orações existenciais.

Palavras-chave: gramática sistêmico-funcional; metafunção ideacional; sistema de transitividade; processos existenciais; reportagens.

Abstract: This paper refers to the transitivity system of the ideational metafunction of the systemic-functional grammar, described by Halliday & Mathiessen (2004). A survey on the existential processes was accomplished, once they are the ones that show a lower number of examples dedicated to their own explanation. The objective is to propose new categories of classification to the existential processes, inserting verbs that are not taken as representing existential processes in the book of Halliday & Mathiessen (2004). Thus, this paper explains the suggestion of new verbs serving as existential processes, based on the concepts proposed by the authors. The researches were made using cover reports of *Superinteressante* magazine, genre that showed a relatively high frequency if we consider the use of these processes in other genres. The results were satisfactory and indicated the occurrence of new verbs (which are not described as such) serving as processes to existential clauses.

Keywords: systemic-functional grammar; ideational metafunction; transitivity system; existential process; reports.

1. Introdução

Este trabalho contempla os estudos de gramática sistêmico-funcional na medida em que pretende aprofundar o sistema de transitividade descrito por Halliday &

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Matthiessen (2004) como pertencendo à metafunção ideacional. Mais especificamente, pretendemos fazer um levantamento sobre os processos existenciais que ainda requerem investigações mais apuradas em relação a seu uso. Para isso, analisaremos os processos existenciais em reportagens de capa da revista *Superinteressante*, a fim de tentarmos uma descrição, mesmo que breve, dos processos existenciais em língua portuguesa. Sabemos que as investigações de Halliday & Matthiessen (2004) apontam regularidades na língua inglesa, e, para o estudo do português, precisamos considerar as diferenças léxico-gramaticais que se apresentam.

O objetivo geral desse trabalho é utilizar as categorias da transitividade em gramática sistêmico-funcional (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004) para analisar a ocorrência dos processos existenciais em oito reportagens de capa da revista *Superinteressante*. Além disso, buscamos realizar o mapeamento dos processos existenciais utilizados pelo autor das reportagens, destacar ocorrências de processos tipicamente existenciais e sugerir que outros processos possam ser identificados como existenciais justamente pela sua função na oração.

Destacamos que é pertinente que não se perca a noção dos objetivos e interesses da perspectiva sistêmico-funcional do estudo da linguagem, a qual prioriza o sentido das palavras acima de todos os outros aspectos para classificar e determinar as funções de cada termo. É essa verdade que nos permite ir além da gramática sistêmico-funcional e realizar interpretações mais aprofundadas, sugerindo novas classificações e abrangências sobre uma determinada classificação, como o caso dos processos existenciais, nesse trabalho. A gramática normativa tradicional não abre essa possibilidade de expansão e sugestão de classificação, por isso destacamos esta característica eminente da linguística sistêmico-funcional, no que diz respeito ao interesse acadêmico acerca de pesquisas.

Diante disso, acreditamos que a pesquisa científica se justifica à medida que contribui para noções que poucos descreveram ou dissertaram sobre. Este trabalho acrescenta conceitos e aspectos acerca de um tema pouco discutido: os processos existenciais do sistema de transitividade da gramática sistêmico-funcional.

2. Revisão da literatura

Dedicamo-nos a apresentar as categorias utilizadas para o estudo realizado, contemplando a noção de linguagem bem como o conceito e a divisão das metafunções da linguagem, as quais estruturam uma vasta quantidade de estudos sistêmico-funcionais, de acordo com a sua pertinência para este trabalho. Centrar-nos-emos primeiro no conceito de linguagem utilizado, conforme a perspectiva sistêmico-funcional, para posteriormente fazermos referência as três metafunções da linguagem, aprofundando a que será mais utilizada aqui, a metafunção ideacional. A partir disso, destacamos, dentro da metafunção ideacional realizada pelo Sistema de Transitividade, os processos existenciais, com os principais exemplos apresentados para a língua inglesa, citados por Halliday & Hasan (1989), Halliday (1994), Halliday & Matthiessen (2004), Martin, Matthiessen & Painter (2010). Além disso, foi possível coletar alguns exemplos e aplicações em língua portuguesa nos textos de Souza & Dionisio (2008), Cabral, Fuzer & Olioni (2011) e Figueredo (2011).

2.1 A linguagem

A Linguística Sistêmico-Funcional entende a linguagem como um sistema. Por isso, pode ser estratificada e categorizada. Halliday & Matthiessen (2004) indicam que se pode estudar a linguagem de acordo com diferentes abordagens. Na abordagem deles, “a linguagem é um sistema semiótico complexo, tendo vários níveis, ou estratos” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004). Sendo assim, os estudos sistêmico-funcionais também dividem a linguagem de acordo com diferentes níveis ou estratificações: no plano da expressão, a linguagem apresenta as categorias da fonética e da fonologia (o sistema sonoro); no plano do conteúdo, estão a léxico-gramática e a semântica; no plano do contexto, está a principal categoria para os estudos sistêmico-funcionais, ou seja, a noção do contexto e a sua influência nas escolhas e realizações do falante. A Figura 1, adaptada e traduzida livremente, ilustra essa estratificação:

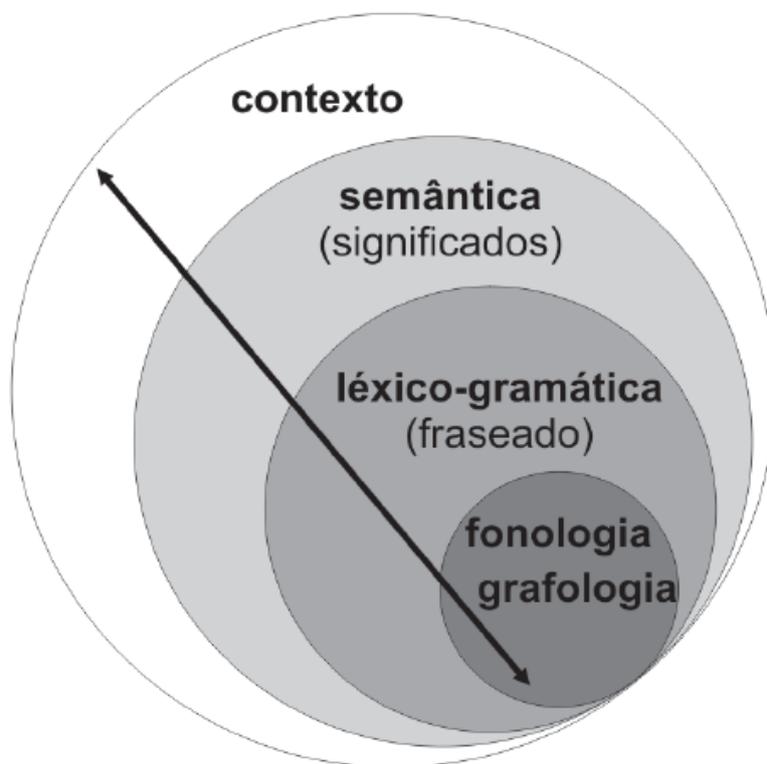


Figura 1: Estratificação (Fonte: adaptado de Halliday & Matthiessen, 2004, p.25)

Portanto, é essencial que se parta da noção de linguagem como sistema e da participação do contexto como um influente determinante.

Além disso, pode-se destacar o conceito que Martin, Matthiessen & Painter (2010) apresentam, respondendo à pergunta “O que é gramática funcional?”:

a gramática funcional é uma teoria de gramática. É um recurso para um envolvimento com a gramática de qualquer língua; é um meio de olhar para a gramática de uma língua em termos de como ela é utilizada. Ela interpreta a gramática de uma língua como um sistema – como um sistema que permite as pessoas interagirem uma com a outra e fazerem sentido da sua experiência de mundo. Ela explora a gramática como sendo moldada, ao mesmo tempo em que desempenha um papel significativo nesse molde, pela maneira que levamos nossas vidas. (MARTIN, MATTHIESSEN & PAINTER, 2010, p.1)¹

Denota-se, a partir dessas informações que as categorias que serão aqui analisadas tratam da linguagem como sistema e da linguagem em uso.

¹ Tradução minha.

2.2 Metafunções

A abordagem sistêmico-funcional (HALLIDAY, 1989; 1994; HALLIDAY E MATTHIESSEN, 1999, 2004; MARTIN, MATTHIESSEN & PAINTER, 2010) entende que estudar a linguagem sob essa perspectiva é enfocar a análise sobre a oração em vez de sobre a sentença. Para fazer isso, existem três maneiras nomeadas pelos autores como metafunções, as quais conduzem aos modos como a linguagem representa o mundo, estabelece relações interpessoais e organiza o discurso.

No prefácio de *An Introduction to Functional Grammar* (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004), os autores afirmam que a metafunção é um dos conceitos que compõem o que pode ser chamado de “arquitetura” da linguagem. Sendo assim, para fins didáticos, torna-se essencial separarmos as metafunções ideacional, interpessoal e textual, aprofundando posteriormente a de nosso maior interesse, a metafunção ideacional.

Segundo os autores, a linguagem funciona como uma teoria da experiência humana, afinal não há nada na experiência humana que não possa ser transformado em sentido, o que eles chamam de *metafunção ideacional*, dividida em dois segmentos: o experiencial e o lógico. Paralelamente a isso, destacamos que sempre que a linguagem é utilizada, alguma coisa está acontecendo. Uma oração não é somente um processo com participantes e circunstâncias, ela é também interação. É a partir da linguagem que os seres humanos podem interagir trocando informações, bens e serviços. Essa característica é chamada de *metafunção interpessoal*, o que sugere sua interatividade e pessoalidade. O terceiro componente da linguagem se refere ao modo como ela constrói os textos, isto é, como as sequências são organizadas no discurso, estabelecendo coesão e continuidade. Esse componente é o que os autores denominam *metafunção textual*.

Dessa forma, as três metafunções podem ser ilustradas de acordo com a Figura 2.

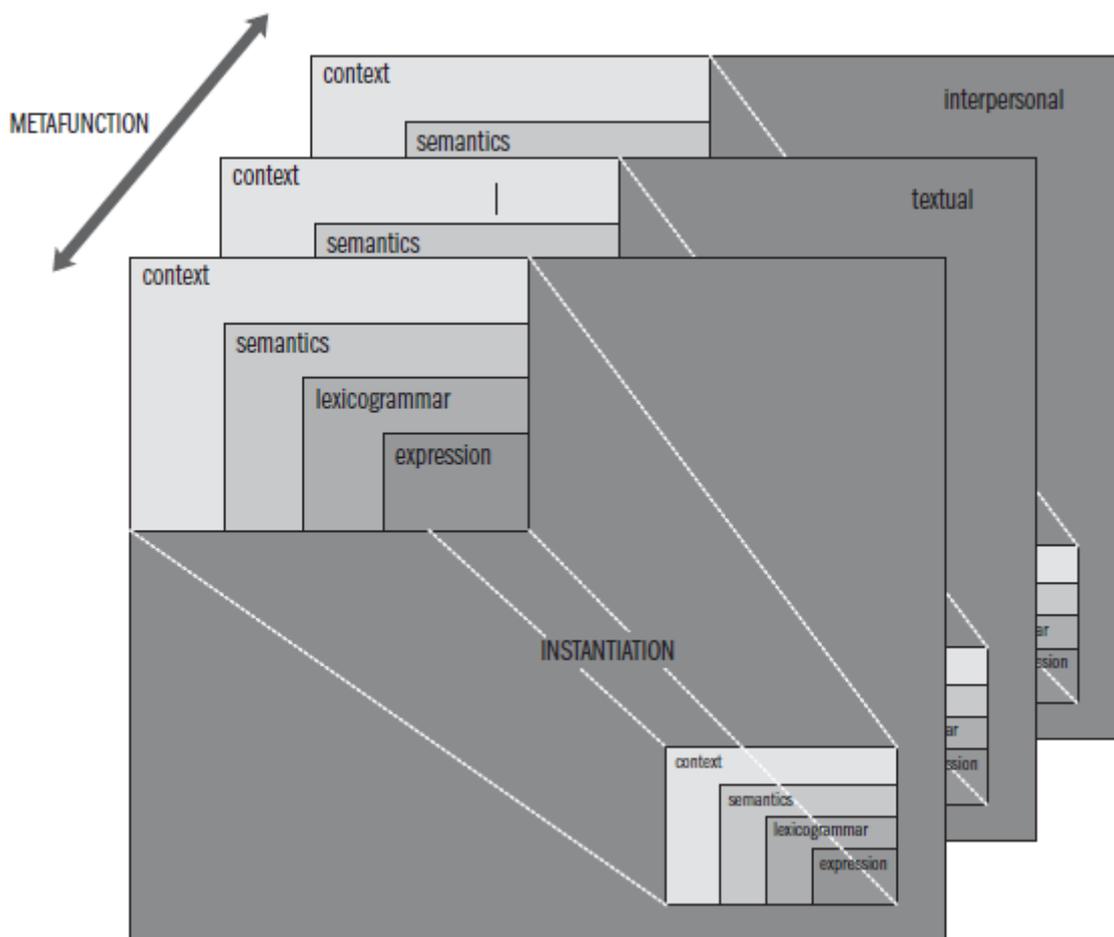


Figura 2: Metafunção (Fonte: Halliday & Matthiessen, 2004, p.30)

Halliday & Matthiessen (2004) alertam ainda para o porquê de classificar esses três componentes como “metafunções”, e não simplesmente “funções”. Afinal, existe uma clássica tradição de referir-se à noção de “função” como simplesmente “objetivo” ou “meio” de uso da linguagem. Assim, eles destacam o fato de que a análise sistemática demonstra que a funcionalidade é intrínseca à linguagem. Então, “o termo ‘metafunção’ foi adotado para sugerir que a função é um componente integral dentro da teoria como um todo.” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p.31).

2.3 Metafunção Ideacional

Torna-se necessário, após uma breve introdução da noção de metafunção e das suas três subdivisões, aprofundar os conceitos daquela que é mais pertinente para o nosso trabalho, a metafunção ideacional. Enquanto as metafunções interpessoal e textual

apresentam, respectivamente, a oração como troca e como mensagem, a metafunção ideacional apresenta a oração como experiência, isto é, o processo que ocorre, quais são os seus participantes e as circunstâncias envolvidas.

Martin, Matthiessen & Painter (2010) apresentam uma explicação abrangente e comparativa com a gramática tradicional sobre a metafunção ideacional:

isso envolve olhar para os processos em um texto – processos nomeando eventos tomando lugar (‘ir’, ‘cozinhar’, ‘pensar’, ‘dormir’ e assim por diante) ou relações entre coisas (‘ser’, ‘parecer’, ‘ter’ e assim por diante). Então você divide o texto em processos e qualquer coisa que “vá com” eles (quem fez o quê com quem, onde, quando, como, por quê, etc). Se você tem alguma ideia do que é um verbo, você pode pensar em procurar por processos como se procura por verbos. Alguns de vocês talvez se lembrem da noção da gramática tradicional escolar de que verbos são palavras de “ação”. Isso pode ser útil, contanto que você mantenha em mente que muitos verbos (como “ser” e “ter”) referem-se a relações, não ações. (MARTIN, MATTHIESSEN & PAINTER, 2010, p.5)²

Sendo assim, encontra-se reforço teórico para a comparação que se pode estabelecer entre gramática tradicional e gramática funcional.

2.3.1 Transitividade

Em primeiro lugar, destacamos a noção de transitividade de acordo com a gramática sistêmico-funcional da língua inglesa. Cada um dos processos que podem ser realizados apresenta diferentes tipos de participantes, que são nomeados de acordo com sua função no processo. A partir disso, estabelece-se o sistema de transitividade da gramática sistêmico-funcional, baseando o sistema nas funções desempenhadas pelos participantes em cada processo. As categorias nomeadas de acordo com cada processo, bem como os subtipos daquelas que os apresentarem e os participantes principais em cada um são sumarizadas na Figura 3:

² Tradução minha.

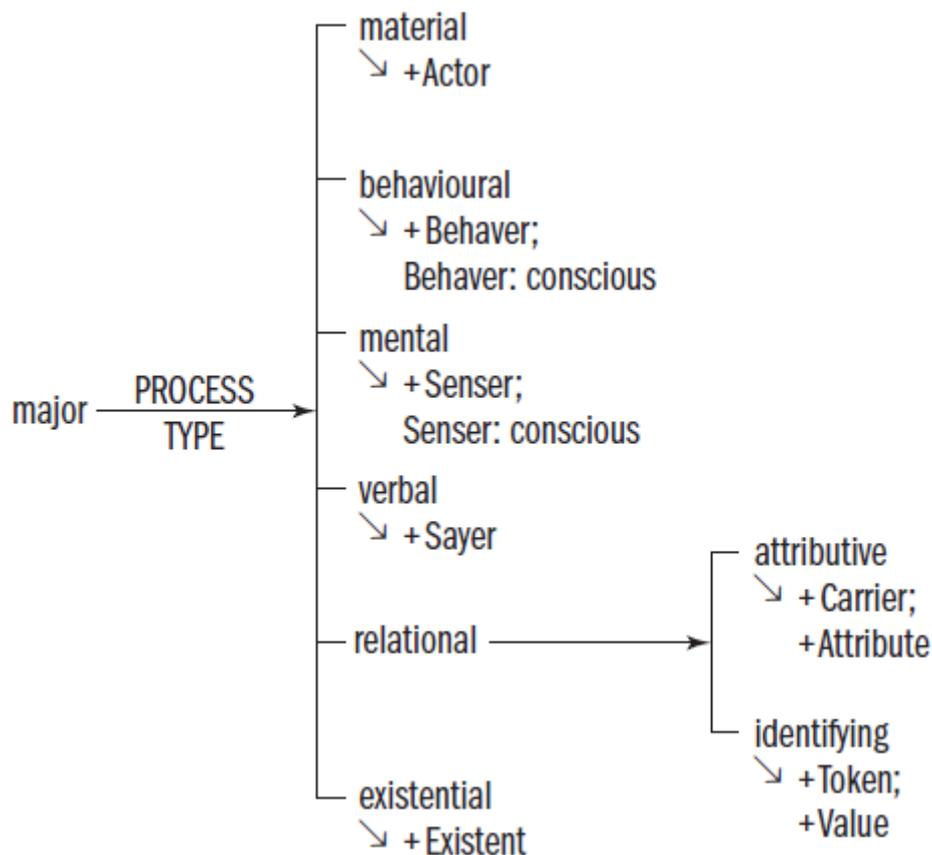


Figura 3: Transitividade (Fonte: Halliday & Matthiessen, 2004, p.173).

Existem seis tipos de processos categorizados e cada um desses processos envolve diferentes tipos de participantes. Faremos, então, um breve resumo da função de cada um deles.

Os três principais processos são o material, o mental e o relacional. Os processos *materiais* correspondem à construção ou à modificação de alguma coisa no mundo material, já os processos *mentais* se referem a experiências emocionais por parte do indivíduo falante, enquanto os processos *relacionais* são utilizados para identificar ou classificar esse indivíduo, ou então, objetos, fenômenos. Os outros três tipos de processos são o comportamental, o verbal e o existencial. Os processos *comportamentais* situam-se em uma fronteira entre os processos materiais e mentais, representando os estados de consciência e estado fisiológico. Os processos *verbais*, por outro lado, estão situados na fronteira entre os processos mentais e relacionais; eles correspondem aos processos de “dizer” e “construir sentido”. Por último, os processos *existenciais*, que são reconhecidos simplesmente como os processos de “ser”, estão na

fronteira entre os processos relacionais e materiais, A relação dos processos e de suas fronteiras pode ser identificado de acordo com a Figura 4.

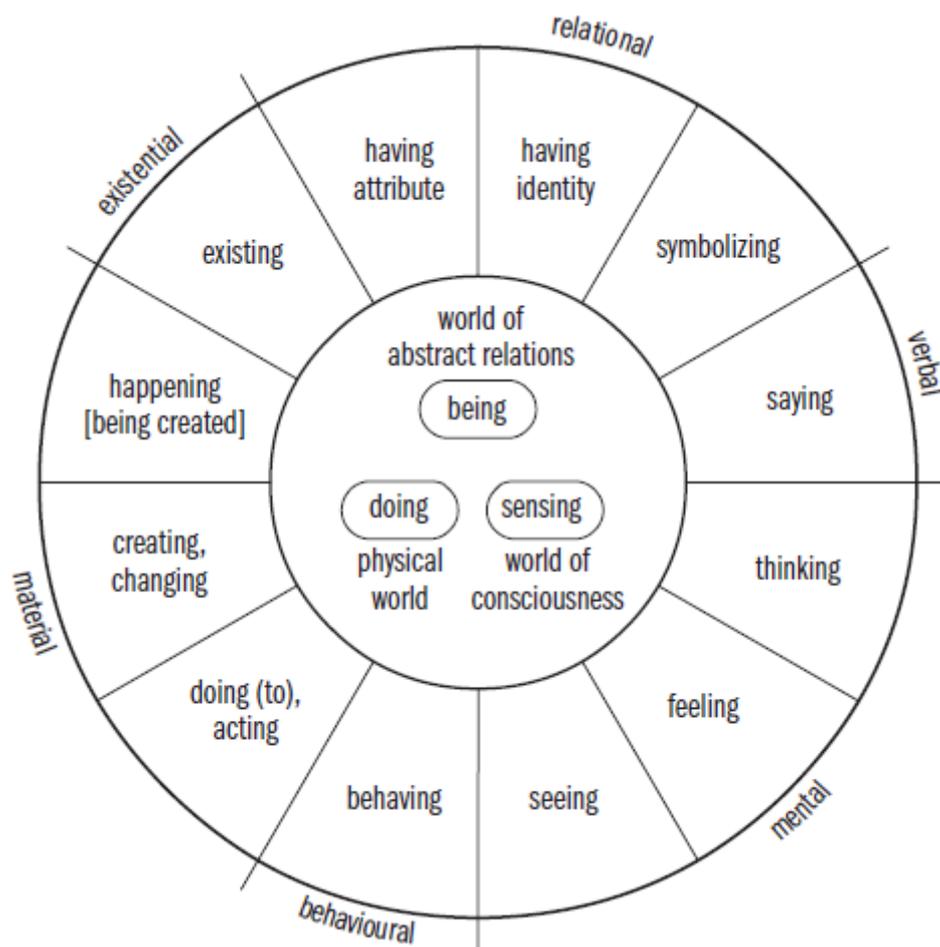


Figura 4: Tipos de Processos (Fonte: Halliday & Matthiessen, 2004, p.172).

Diante disso, destacamos alguns exemplos, para melhor ilustrar a apresentação dos seis tipos de processos que compõem o sistema de transitividade dentro da metafunção ideacional da gramática sistêmico-funcional, isto é, processos materiais, processos mentais, processos comportamentais, processos verbais, processos relacionais e processos existenciais. Para analisar os exemplos trazidos por Halliday & Mathiessen (2004), observe a Figura 5.

Process type	Example (Process + participants underlined; Process in bold; circumstances in italics)
material	<i>During the European scramble for Africa, <u>Nigeria</u> fell to the British.</i>
	and the <u>British</u> ruled it until 1960
behavioural	<u>people</u> are laughing .
mental	The Ibos did not approve of kings.
verbal	so <u>we</u> say → that every fourth African is a Nigerian
	Can you tell us about the political and cultural make-up of Nigeria?
relational	that <u>every fourth African</u> is a Nigerian.
existential	so today there's Christianity in the south

Figura 5: Exemplos de diferentes tipos de processos (Fonte: Halliday & Matthiessen, 2004, p.171)

2.3.2 Processos Existenciais

Segundo Halliday & Matthiessen (2004), os processos existenciais “representam que algo existe ou acontece”. Os autores destacam que não são muito comuns no discurso e que somente cerca de 3 ou 4 por cento dos processos em língua inglesa são existenciais. No entanto, eles têm uma importante contribuição para vários tipos de texto. Na Figura 6, há exemplos de processos que aparecem em orações existenciais:

Type		Verbs
neutral	exist	exist, remain
	happen	arise; occur, come about, happen, take place
+ circumstantial feature	time	follow, ensue
	place	sit, stand, lie; hang, rise, stretch, emerge, grow
abstract		erupt, flourish, prevail

Figura 6: Exemplos de verbos servindo como processo em orações existenciais. (Fonte: Halliday & Matthiessen, 2004, p.258).

Na versão de 1994 de *An Introduction to Functional Grammar*, há um parágrafo que explicita o quadro acima, que divide os verbos que funcionam como processos existenciais em grupos, da seguinte maneira:

um grupo (processos neutros) é uma pequena quantidade de verbos proximamente relacionados ao sentido de “existir” ou “acontecer”:

existir, permanecer, surgir, ocorrer, vir à tona. O outro grupo (processos circunstanciais) envolve alguma característica circunstancial: de tempo (...) ou lugar (...). Porém um número considerável de outros verbos pode ser usado na série de orações existenciais abstratas (...). (HALLIDAY, 1994, p.142)³

Não destacamos os exemplos porque parecem muito diferentes dos que ocorrem em português, portanto deixaremos para dar destaques nos exemplos do *corpus* deste trabalho na seção destinada à análise dos resultados. Assim, surge a primeira justificativa e um dos objetivos do trabalho, isto é, encontrar outros exemplos de processos que funcionem como existenciais, de acordo com os conceitos até então destacados.

Quanto aos participantes, a oração em que ocorre um processo existencial apresenta apenas um, o Existente. “Em princípio, pode “existir” qualquer tipo de fenômeno que pode ser construído como “coisa”: pessoa, objeto, instituição abstração” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004). Ressaltamos nesse ponto que essa é uma das diferenças dos processos existenciais em relação aos outros dois processos que estabelecem limites com ele (ver Figura 4): ambos os processos podem possuir um participante secundário, além do(s) principal(is), enquanto os processos existenciais possuem sempre apenas o Existente, o que fica claro na Figura 7:

³ Tradução minha.

Tipos de oração	Significado da categoria	Exemplos de processos	Participantes
Material Transformativa Criativa	fazer acontecer	<i>fazer, beber, praticar, aparecer, pagar, exercer, ocorrer.</i>	Ator Meta Escopo Beneficiário (Cliente e Receptor)
Mental Perceptiva Cognitiva Emotiva Desiderativa	perceber pensar sentir desejar	<i>perceber, ver, ouvir, lembrar, pensar, saber, gostar, odiar, amar, querer</i>	Experienciador Fenômeno*
Relacional Intensiva Possessiva Circunstancial	caracterizar identificar	<i>ser (danosa) ser (o pentacampeão) ter (dinheiro) estar (na seleção)</i>	Portador Atributo Identificado Identificador
Comportamental	comportar-se	<i>rir, chorar, dormir, pular, golpear</i>	Comportante Comportamento
Verbal	dizer	<i>dizer, perguntar, responder, contar, relatar, explicar</i>	Dizente Verbiagem** Receptor Alvo
Existencial	existir	haver, existir	Existente

Figura 7: Tipos de processos, seus significados e participantes característicos (Fonte: Cabral, Fuzer & Olioni, 2011, p.190).

Quanto ao sentido, os autores destacam a proximidade com os processos materiais-criativos. Segundo eles, existe uma pequena diferença entre ambos, como nos exemplos “há um roubo” (existencial) e “um roubo acontece” (material-criativo), observado no último exemplo que, de acordo com os autores, o tempo presente sugere que “o roubo está acontecendo”.

É justamente nesse ponto o foco do nosso trabalho. Serão as orações “o roubo aconteceu” e “o roubo está acontecendo” iguais em sentido? Pelo que se percebe, o primeiro exemplo sugere uma clara relação existencial, colocando o roubo como algo que existiu no mundo em um passado recente ou não – sendo, portanto, classificado como existencial –, enquanto o segundo exemplo sugere o processo de criação desse roubo, ou seja, um processo material do tipo criativo. Halliday & Matthiessen (2004) não citam outros exemplos e encerram a discussão sobre o assunto nesse ponto.

Tentando encontrar respostas para o problema até então não resolvido, o *Deploying Functional Grammar* (MARTIN, MATTHIESSEN & PAINTER, 2010) não é

satisfatório, pelo menos, não para os nossos objetivos. O processo existencial é descrito em poucas linhas e com ainda menos exemplos, não acrescentando nada de novo ao que já se sabia. A principal referência feita pelos autores é a semelhança dos processos existenciais com os processos relacionais:

Orações Existenciais assemelham às relacionais pelo fato de que elas constroem um participante envolvido em um processo de “ser”, mas diferem-se delas pelo fato de que existe apenas um participante, o Existente, que é introduzido no texto. (MARTIN, MATHIESSEN & PAINTER, 2010, p. 108)⁴

No ponto em que o livro apresenta novidades, em discussões como a confusão entre alguns tipos de processos, com subseções intituladas como “Material ou Relacional?”, “Mental ou Comportamental?” e “Relacional ou Verbal”, há explicações que não são claras em *An Introduction to Functional Grammar* (HALLIDAY & MATHIESSEN, 2004); no entanto, não existem referências aos processos existenciais, o que representa outra justificativa para a elaboração deste trabalho.

4. Metodologia

O *corpus* da pesquisa é composto de 8 (oito) reportagens de capa selecionadas do *site* da revista *Superinteressante* durante o ano de 2009, conforme disponibilidade via *web*. A *Superinteressante* foi escolhida por apresentar um grande número de processos existenciais.

Diante disso, para proceder à análise, seguiram-se os seguintes passos: identificação dos processos existenciais que compõem as reportagens, de acordo com os conceitos de Halliday & Matthiessen (2004); separação entre os processos tipicamente existenciais daqueles não citados em nenhuma das bibliografias estudadas relacionadas à gramática sistêmico-funcional; discussão acerca da possibilidade de processos não comumente existenciais serem entendidos como tal, pelo seu uso e sentido que atribuem ao texto.

Assim sendo, nomearam-se as oito reportagens de A a H, e os exemplos foram enumerados. Portanto, o exemplo A1 refere-se ao primeiro processo existencial

⁴ Tradução minha.

encontrado na primeira reportagem; A2, o segundo processo da primeira reportagem, B1, o primeiro processo da segunda reportagem, e assim sucessivamente. Para este trabalho, apenas alguns exemplos foram destacados.

5. Resultados

Na pesquisa realizada em oito reportagens de capa da revista *Superinteressante*, foram encontradas 139 ocorrências de processos existenciais. Destes, separamos ocorrências de verbos que realizam processos tipicamente existenciais e ocorrências como sugestão de verbos que realizem processos existenciais, na tentativa de propor a discussão sobre tais exemplos. Observamos a média de 17,375 ocorrências de processos existenciais por reportagem, apesar da afirmação de Halliday & Matthiessen (2004) de que esses processos não são muito frequentes.

No primeiro grupo (dos verbos tipicamente existenciais) foram encontradas 109 ocorrências de verbos que realizam processos existenciais, pela presença constante nas bibliografias analisadas. Processos como “existir”, “haver”, “acontecer” e “ocorrer” – a partir das leituras de Halliday (1994), Halliday & Matthiessen (2004) e Martin, Matthiessen & Painter (2010) – são percebidos como tipicamente existenciais por se tratarem da representação de determinados seres (animados ou não) ou entidades (concretas ou abstratas) como existentes ou não existentes no mundo, como se percebe nos exemplos a seguir.

No Quadro 1, os exemplos B10 e H12 apresentam o verbo “haver”, que representa, respectivamente, a existência das entidades “contrabando de imigrantes ilegais” e “homens suficientes”. É um processo tipicamente existencial por referência direta ao sentido atribuído por ele ao participante representado:

B8: **Há** também o contrabando de imigrantes ilegais, em que o cliente paga o contrabandista por sua travessia.

H10: O motivo: não **havia** homens suficientes que preenchessem os requisitos de ter pelo menos 60 quilos, 1,60 metro e 26 dentes.

Quadro 1. Exemplos B8 e H10. Fonte: elaborado pelo autor.

Os exemplos D1 e F7, no Quadro 2, denotam com o próprio processo “existir” a existência de “uns 6 bilhões de pessoas” e a não-existência de “telecinesia”. Não restam dúvidas quanto à classificação do verbo “existir” como realizador de processos existenciais, já que o próprio termo já pressupõe essa classificação, tanto em língua portuguesa quanto em língua inglesa.

D1: Devem existir uns 6 bilhões de pessoas com o mesmo problema.

F6: Se ninguém conseguisse, nunca, estaria tudo resolvido: a telecinesia não existe e pronto.

Quadro 2. Exemplos D1 e F6. Fonte: elaborado pelo autor.

Em C6 e E16 (ver Quadro 3), temos ocorrência de verbos que realizam processos de “acontecer”. Eles denotam, nesses casos, a existência dos participantes “uma coisa inédita” e “isso”, respectivamente. É importante observar que Halliday & Matthiessen (2004) consideram a possibilidade de tais processos aparecerem em contextos nos quais seriam classificados como relacionais, principalmente quando apresentarem dois participantes, estabelecendo – obviamente – uma relação entre eles. Podemos sugerir, a partir disso, que o verbo “acontecer” dependa da quantidade de participantes para ser classificado, isto é, com dois participantes, é relacional, mas com apenas um, é existencial. Nos exemplos do Quadro 3, são destacados como existenciais, pelos motivos já apresentados.

C6: Então aconteceu com eles uma coisa inédita no mundo animal.

E16: E, para que isso aconteça e dure, é preciso que você entre num processo constante e paulatino de mudança de hábitos alimentares e de atividade física, para emagrecer devagar.

Quadro 3. Exemplos C6 e E16. Fonte: elaborado pelo autor.

Ainda, o verbo “ocorrer” representa, no Quadro 4, o participante “um processo chamado cetose” como existente apenas em determinadas circunstâncias, no caso, “quando o corpo não tem o seu combustível preferido, a glicose”.

*E14: A Dieta de Atkins, por exemplo. Seu pulo-do-gato seria um processo chamado cetose, que **ocorre** quando o corpo não tem seu combustível preferido, a glicose(...).*

Quadro 4. Exemplo E14. Fonte: elaborado pelo autor.

Observamos, além disso, podemos interpretar o exemplo da seguinte maneira: “um processo chamado cetose ocorre quando o corpo não tem glicose” e, ao mesmo tempo, “um processo chamado cetose não ocorre quando o corpo tem glicose”. Isso significa que a existência de “um processo chamado cetose” está diretamente ligado à não existência de “glicose”. Essa interpretação reforça nosso intuito de entender o verbo “ocorre” como designando um processo existencial nesse contexto.

Também houve muitas ocorrências do verbo “ter” aplicado com o sentido de “existir”, comum no português brasileiro quando se utiliza uma linguagem mais informal, mais próxima do coloquial, o que é característico da revista *Superinteressante*, numa tentativa de aproximar a linguagem da revista à do leitor. No exemplo E1, no Quadro 5, aparece um exemplo com três ocorrências seguidas desse verbo funcionando como processo existencial. Destacamos ainda que, na língua inglesa, esse processo não é relatado por Halliday & Matthiessen (2004) como existencial em nenhum momento.

*E1: **Tem** a dieta de Beverly Hills: só fruta por 10 dias e a silhueta da Victoria Beckham garantida. **Tem** a do Dr. Atkins: controla carboidratos, libera geral proteínas e gorduras. **Tem** também da sopa, da lua, do arroz, do alfabeto, das cores.*

Quadro 5. Exemplo E1. Fonte: elaborado pelo autor.

Além disso, destacamos a presença de processos que não são comumente tratados como existenciais, ou pelo menos não são trazidos como exemplos pela bibliografia utilizada. Foram encontradas e analisadas 30 (trinta) ocorrências e, dentre elas, destacam-se, primeiramente, os verbos “surgir”, “aparecer”, “começar”. Apresentamos esses processos como existenciais pelo fato de indicarem o início de uma existência: algo (ser ou entidade) que não existia, mas passou a existir. Em todos os exemplos,

podem ser substituídos por “começar a existir”, para que seja verificada essa ideia, como em B7 e G19 (no Quadro 6), nos quais o processo “surgir” refere-se aos participantes “o tráfico de cigarro” e “uma variação que infectasse o homem”, respectivamente, como existentes de tal processo. Afinal, se surgiram, passaram a existir:

*B5: O tráfico de cigarro **surgiu** como uma das atividades ilegais mais lucrativas e generalizadas nos países da ex-Iugoslávia nos anos 90.*

*G17: Aí foi questão de tempo para **surgir** uma variação que infectasse o homem.*

Quadro 6. Exemplos B5 e G17. Fonte: elaborado pelo autor.

Da mesma maneira, pode-se interpretar o processo “aparecer” nos exemplos D8 e F7, presentes no Quadro 7, indicando o início de uma existência dos participantes “os benefícios” e “cada uma”, respectivamente. É pertinente observar que esses dois processos também são destacados por Halliday & Matthiessen (2004) como relacionais, mas não nos contextos apresentados. Assim, surge uma classificação parecida com o que propusemos para o verbo “acontecer”, ou seja, o verbo “aparecer” seria classificado como relacional quando envolver dois participantes e como existencial quando envolver somente um participante, como é o caso dos exemplos do Quadro 7. Esse processo é bastante comum em língua portuguesa, o verbo “aparecer” costuma figurar com o sentido de “surgir”, “iniciar”, “começar”, destacando o início da existência de uma entidade.

*D8: Segundo cientistas da Universidade de Michigan, os benefícios **começam a aparecer** depois de 12 dias.*

*F7: Cada uma **aparecia** na tela do computador por 3 segundos.*

Quadro 7. Exemplos D8 e F7. Fonte: elaborado pelo autor.

Ainda, o próprio processo “começar” indica aparentemente a noção de início da existência dos participantes “essa história” (que ocorre em B3) e “a 2ª Guerra” (que ocorre em H1). No Quadro 8, observamos esses dois exemplos.

*B3: Essa história **tinha começado** em 1991, quando Bout, formado em letras, foi parar em Angola como tradutor do Exército soviético.*

*H1: A 2ª Guerra **começou** em Gdansk, às 4h45 de 1º de setembro de 1939, quando um navio alemão atacou um forte polonês, e terminou em Tóquio, ao meio-dia de 15 de agosto de 1945, quando o imperador japonês se rendeu à bomba atômica americana.*

Quadro 8. Exemplos B3 e H1. Fonte: elaborado pelo autor.

Além disso, temos a ocorrência do verbo “vir”, não no sentido de deslocamento, mas sim no mesmo sentido de “surgir”, ou de “começar a existir”, como nos exemplos G21 e H4, no Quadro 9. Poder-se-ia interpretar esse exemplo também como uma marca de coloquialismo, como acontece com o verbo “ter”, em português, no entanto, esta já está consolidada, enquanto aquela é apenas uma sugestão de interpretação nossa.

*G21: Se a cada ano **vem** uma gripe nova, em intervalos mais longos aparecem algumas realmente violentas.*

*H4: **Veio** a obsessão em ocupar Stalingrado, um ponto importante, mas não imprescindível*

Quadro 9. Exemplos G21 e H4. Fonte: elaborado pelo autor.

Dentro da interpretação de marcação coloquial, surgiu no *corpus* da pesquisa a expressão “tomar forma”, no exemplo A2, que está apresentado no Quadro 10. Assim, se entendemos que algo que “toma forma” é algo que “surge” e, portanto, é algo que “começa a existir”, temos que o exemplo abaixo também pode ser classificado como um processo existencial. Diante disso, destaca-se o grupo nominal “forma” como Escopo do processo, por isso destacado junto à locução verbal.

*A2: Mas antes, vamos fazer uma escala onde a lenda **começou a tomar forma**: a Sierra Maestra, quartel-general dos rebeldes cubanos em 1958.*

Quadro 10. Exemplo A2. Fonte: elaborado pelo autor.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, priorizando o sentido dos processos para determinar a sua classificação, como sugere a abordagem sistêmico-funcional, podemos classificar – desde que haja apenas um participante – os processos “continuar” e “permanecer” como existenciais por indicarem a ação de “continuar a existir”, como ocorre nos exemplos A1 e B2, que indicam uma continuidade de existência aos participantes “a imagem dele” e “o 14º Exército russo”, respectivamente, como se observa no Quadro 11:

<p><i>A1: A imagem dele continua em todo lugar - tatuagens, camisetas, na capa da SUPER...</i></p> <p><i>B2: Após a queda da URSS, o 14º Exército russo permaneceu como uma força de paz na Transnístria – uma estreita faixa industrializada da miserável Moldávia localizada ao longo da fronteira com a Ucrânia.</i></p>

Quadro 11. Exemplos A1 e B2. Fonte: elaborado pelo autor.

Finalizando a sequência da abordagem não apenas da representação de entidades como existentes ou não, mas sim como um processo de início, meio e fim, já destacamos os processos que indicam “iniciar a existir”, os processos que indicam “continuar a existir”. Por último, temos os processos que indicam o “deixar de existir”, como “acabar”, “terminar” e “sumir”, nos exemplos abaixo.

O verbo “acabar” denota o fim da existência do participante “a guerra” (exemplo A6, Quadro 12). Observa-se que ele poderia ser substituído, sem prejuízo de sentido, pela locução verbal “deixou de existir”. Em um processo inverso, vemos que “a escravidão” (exemplo B6, Quadro 12) é um participante representado como algo que não acabou e, portanto, ainda existe. Diante dessa interpretação, considera-se pertinente classificá-los como processos existenciais. É importante destacar, nesse momento, que o estudo da linguagem sob uma abordagem sistêmico-funcional prioriza o sentido dos verbos agindo como determinado processo, o que vai ao encontro do que tentamos propor.

A6: Aí, logo que a guerra acabou, Hilda correu para Cuba.

B6: A escravidão não acabou: mafiosos internacionais contrabandeiam mulheres e as forçam a trabalhar como prostitutas.

Quadro 12. Exemplos B5 e G17. Fonte: elaborado pelo autor.

Na mesma relação, levando em conta o término de uma existência, o processo “terminar” também apresenta a mesma relação de final de existência para os participantes “a 2ª Guerra”, em H1, e para “o Dia B”, em H8, ambos no Quadro 13. O verbo “terminar” pode ser descrito como a relação em si do término de uma existência, podendo ser, em virtude disso, ser classificado como processo existencial.

H1: A 2ª Guerra começou em Gdansk, às 4h45 de 1º de setembro de 1939, quando um navio alemão atacou um forte polonês, e terminou em Tóquio, ao meio-dia de 15 de agosto de 1945, quando o imperador japonês se rendeu à bomba atômica americana.

H8: Foi a maior batalha de blindados de todos os tempos, 3 mil para cada lado, mas o Dia B, 4 de julho de 1943, terminou com uma vantagem decisiva para os comunistas.

Quadro 13. Exemplos H1 e H8. Fonte: elaborado pelo autor.

No exemplo G1 do Quadro 14, temos a representação do final da existência do participante “esse sono mais do que mórbido”, representado pelo verbo “sumir”, o qual denota a mesma relação já destacada pelos verbos dos exemplos presentes nos quadros 12 e 13. Afinal, se o Existente destacado “sumiu”, significa que, momentaneamente ou não, ele deixou de existir naquele determinado espaço e tempo. É necessário sempre interpretar a noção de existência (ou não existência) presente na frase antes de classificar o processo como existencial.

G1 Esse sono mais do que mórbido matou 5 milhões de pessoas. Depois sumiu sem deixar vestígio nenhum.

Quadro 14. Exemplo G1. Fonte: elaborado pelo autor.

O próprio “deixar de existir”, locução que representa o sentido que os verbos citados acima denotam ao texto, aparece no *corpus* no exemplo F16 (destacado no Quadro 15) e seria classificado de acordo com a abordagem sistêmico-funcional – assim propomos – como existencial. Essa relação contribui para as afirmações aqui destacadas.

F16 Na escala das coisas grandes efeitos desse tipo evaporam. Deixam de existir.

Quadro 15. Exemplo F16. Fonte: elaborado pelo autor.

Diante dos resultados apresentados, destacamos a quantidade de processos existenciais que podem ser classificados dessa forma, mas que não são trazidos como exemplos nas bibliografias existentes. É pertinente destacar que Halliday & Matthiessen (2004) apresentam apenas uma introdução à gramática sistêmico-funcional, o que nos permite inferir que muitos exemplos de verbos que realizam processos existenciais não estão descritos nessa introdução, mas que possivelmente estarão numa obra que descreva as classificações da abordagem sistêmico-funcional como um todo.

Dessa forma, acreditamos que um estudo que objetive a análise de processos recorrentes em diferentes textos pertencentes a um determinado gênero discursivo, como é o caso deste trabalho, ajuda a construir o conhecimento acerca da linguagem na abordagem sistêmico-funcional. Além de, certamente, auxiliar os estudantes da gramática sistêmico-funcional a compreenderem melhor alguns conceitos que possivelmente ainda estejam um tanto quanto obscuros.

6. Considerações finais

Os processos existenciais ocupam pouco espaço na bibliografia sobre a gramática sistêmico-funcional e geralmente são alvo de poucos estudos em função do pouco número de ocorrências (HALLIDAY & HASAN, 1989; HALLIDAY, 1994; HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004; MARTIN, MATTHIESSEN & PAINTER,

2010). Observamos que, em todas as bibliografias analisadas, os processos existenciais correspondem ao último processo descrito e possuem o menor número de exemplos com verbos servindo como tal processo (SOUZA & DIONISIO, 2008; CABRAL, FUZER & OLIONI, 2011; FIGUEREDO, 2011). Em virtude disso, consideramos que este estudo contribui para um aprofundamento nas questões relacionadas a tais processos, já que é uma tentativa de aprofundar os conceitos teóricos relacionados aos processos existenciais, bem como de inserção de um maior número de exemplos. Acreditamos que os processos existenciais em língua portuguesa não podem ser restringidos aos verbos tratados na bibliografia atual, como Halliday & Matthiessen (2004), nem com a pouca atenção dada à sua definição, principalmente nas referências feitas em comparação a demais processos, observadas em Martin, J.R.; Matthiessen, C. M. I. M.; Painter, C. (2010). Afinal, são muitos os verbos que podem realizar processos que denotem a ideia de existência, conforme foi descrito neste trabalho.

Constatamos, com esse trabalho, que outros verbos podem assumir a significação de existência de um ser ou de uma entidade. De acordo com os exemplos analisados, e a teoria fundamentada, é pertinente descrever diversos processos (não descritos ainda pela bibliografia atual) como existenciais. Destacamos também que as limitações do trabalho ocorrem justamente em função do pouco que se diz sobre os processos existenciais.

A pesquisa científica em linguística sistêmico-funcional é válida na medida em que tenta contribuir para a solidificação do *sistema*, classificando funções de acordo com a *função* dos termos analisados. A pesquisa científica relacionada aos gêneros discursivos é pertinente no momento em que contribui para o aprofundamento da prática de um gênero discursivo, destacando o contexto, a situação, os envolvidos, o ambiente. Acreditamos que esse trabalho abrange, significativamente, estes itens.

Referências Bibliográficas

BLANCO, G. Memória – esquecer para lembrar (abril/2009). **Revista Superinteressante**, São Paulo. Disponível em <http://super.abril.com.br/superarquivo/>. Acesso em 09 de dezembro de 2011.

BLANCO, G. Mundo paranormal (julho/2009). **Revista Superinteressante**, São Paulo. Disponível em <http://super.abril.com.br/superarquivo/>. Acesso em 09 de dezembro de 2011.

CARMELLO, C. Dieta sem segredos (maio/2009). **Revista Superinteressante**, São Paulo. Disponível em <http://super.abril.com.br/superarquivo/>. Acesso em 09 de dezembro de 2011.

CABRAL S.R.S; FUZER, C; OLIONI, R.C. A seleção brasileira de futebol a serviço da cerveja: análise multifuncional de texto na perspectiva da gramática sistêmico-funcional1. **Revista Calidoscópico**, Vol. 9, n. 3, 2011.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to function grammar**. 2. ed. London:ROUTLEDGE, 1994.

HALLIDAY, M. A. K; MATHIESSEN C. M. I. M. **An introduction to function grammar**. 3. ed. London: Routledge, 2004.

HALLIDAY, M.A.K; HASAN, R. **Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HORTA, M. Máfia (fevereiro/2009). **Revista Superinteressante**, São Paulo. Disponível em <http://super.abril.com.br/superarquivo/>. Acesso em 09 de dezembro de 2011.

MARTIN, J.R; MATHIESSEN, C. M. I. M.; PAINTER, C. **Deploying Functional Grammar**. Beijing: The Commercial Press, 2010.

MATHIESSEN, C. M. I. M; TERUYA, K; LAM, M. **Key Terms in Systemic Functional Linguistics**. New York: Continuum, 2010.

SOUZA, M.M.; DIONISIO, A.P. 2008. Transitividade, editorial e opinião: uma análise sistêmico-funcional. **Odisseia**, 1. Disponível em: http://www.cchla.ufrn.br/odisseia/numero1/arquivos/LIN01_PT06.pdf. Acesso em: 23/10/2011.

SZKLARZ, E. A verdade sobre Che (janeiro/2009). **Revista Superinteressante**, São Paulo. Disponível em <http://super.abril.com.br/superarquivo/>. Acesso em 09 de dezembro de 2011.

URBIM, E. A nova 2ª Guerra Mundial (setembro/2009). **Revista Superinteressante**, São Paulo. Disponível em <http://super.abril.com.br/superarquivo/>. Acesso em 09 de dezembro de 2011.

VERSIGNASSI, A. & AXT, B. Donos do mundo (agosto/2009). **Revista Superinteressante**, São Paulo. Disponível em <http://super.abril.com.br/superarquivo/>. Acesso em 09 de dezembro de 2011.

VERSIGNASSI, A., GARATTONI, B. & URBIM, E. Cachorros, por que eles viraram gente? (março/2009). **Revista Superinteressante**, São Paulo. Disponível em <http://super.abril.com.br/superarquivo/>. Acesso em 09 de dezembro de 2011.

Artigo recebido em: 28.03.2012

Artigo aprovado em: 02.05.2012